

## **A DIMENSÃO TEOLOGAL DO HOMEM EM XAVIER ZUBIRI**

*The theological dimension of man in Xavier Zubiri*

Francisco de Aquino Júnior \*

**Resumo:** Um dos pontos mais centrais e decisivos na filosofia de Xavier Zubiri diz respeito ao que ele chamou “problema de Deus na vida humana” ou “problema teologal do homem”. É a insistência em mostrar que existe na vida humana um âmbito ou uma dimensão que envolve e dá acesso à realidade de Deus, enquanto fundamento último do real. E independentemente do modo como esse fundamento seja inteligido (Deus, pura facticidade, realidade-desconhecida) e da posição que se tome diante desse problema (teísmo, ateísmo, agnosticismo). Este artigo apresenta, de modo bastante condensado, mas sistemático, o primeiro aspecto da abordagem zubiriana do problema de Deus na vida humana, qual seja, a dimensão teologal do homem, a partir de onde ele poderá se enfrentar filosoficamente com a problemática da história das religiões, em particular, com o cristianismo. Começaremos explicitando o que se quer dizer quando se fala de “dimensão teologal do homem” e apresentaremos, em seguida, os três passos ou momentos da análise que Zubiri faz dessa dimensão: realidade humana; problema da realidade divina; homem, experiência de Deus.

**Palavras-chave:** Zubiri, homem, dimensão, teologal.

**Abstract:** One of the most central and decisive points of Xavier Zubiri’s philosophy concerns what he calls the “problem of God in human life” or the “theological problem of man”. It refers to the insistence on showing that there is, in human

---

\* Professor da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e da Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). Artigo recebido no dia 03/08/2013 e aprovado para publicação no dia 16/03/2014.

life, a framework or dimension that involves and gives access to the reality of God, as the ultimate foundation of reality, regardless of how this foundation is comprehended (God, pure facticity, unknown reality), and whatever position on the issue is taken (theism, atheism, agnosticism). In a condensed but systematic way, this article presents the first aspect of the Zubirian approach of the problem of God in human life, whatever is the theological dimension of man from which he philosophically confronts the issue of the history of religions, particularly Christianity. First, this article explains the meaning of “theological dimension of man”. It then follows with the three steps or stages of the analysis that Zubiri makes of this particular dimension: human reality; problem of divine reality; man, experience of God.

Keywords: Zubiri, man, dimension, theological.

O problema de Deus na vida humana ou o problema teológico do homem é um aspecto fundamental e decisivo na filosofia de Xavier Zubiri<sup>1</sup>. Um dos pontos básicos de seu pensamento é a insistência em “mostrar que existe um problema universal de Deus”<sup>2</sup>, ao qual se pode responder positiva (teísmo), negativa (ateísmo) ou suspensivamente (agnosticismo). E isso, além de ser um *assunto* com o qual ele se ocupou ao longo de sua vida, é um *aspecto* essencial e constitutivo de sua reflexão filosófica<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Para uma visão de conjunto da filosofia de Zubiri, cf. GRACIA, Diego. *Voluntad de verdad*. Para leer a Zubiri. Madrid: Triacastela, 2007; FERRAZ FAYOS, Antonio. *Zubiri: El realismo radical*. Madrid: Ediciones Pedagógicas, 1995; PINTOR RAMOS, Antonio. *Zubiri (1898-1983)*. Madrid: Ediciones del Orto, 1996; CESCÓN, Everaldo. “Uma introdução ao pensamento filosófico-teológico de Xavier Zubiri (1898-1983)”. *Síntese* 100 (2004) p. 239-282. No que diz respeito mais diretamente à questão do “problema de Deus” na vida humana, cf. IGLESIAS, Fernando Llenin. *La realidad divina*. El problema de Dios en Xavier Zubiri. Oviedo: Gráficas Luz, 1990; CRUZ, Jesús Sáez. *La accesibilidad de Dios: su mundanidad y transcendência en Xavier Zubiri*. Salamanca: Universidad Pontificia Salamanca, 1995; ORTEGA, Francisco. *La teología de Xavier Zubiri*. Su contextualización en la teología contemporánea. Huelva: Hergué, 2005; GONZÁLEZ, Antonio. *Introducción a la práctica de la filosofía*. Texto de iniciación. San Salvador: UCA, 2005, p. 369-379; Idem “Aproximación a la filosofía zubiriana de la religión”, In: NICOLÁS, Juan Antonio – BARROSO, Oscar (editores). *Balance y perspectivas de la filosofía de Xavier Zubiri*. Granada: Comares, 2004, p. 265-282; CESCÓN, Everaldo. “O problema de Deus e do seu acesso e a experiência de Deus”. *Teologia y Vida* XLIV (2003) p. 373-394; PINTOR RAMOS, Antonio. “ZUBIRI”, In: PIKAZA, Xavier – SILANES, Nereo (dir). *Diccionario Teológico: O Deus cristão*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 947-949; GRACIA, Diego. “ZUBIRI”, In: LATOURELLE, René – FISICHELLA, Rino (dir). *Diccionario de Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes – Aparecida; Santuário, 1994, p. 1054-1057.

<sup>2</sup> PINTOR RAMOS, Antonio. “Zubiri”. *Op. cit.*, p. 947.

<sup>3</sup> A análise do problema de Deus na vida humana “completa a filosofia de Zubiri e lhe dá seu grau maior de coerência. Esta peça do pensamento zubiriano faz ver até que ponto esse pensamento se constitui como um sistema, isto é, uma unidade coerente de idéias, um estado constructo de idéias” (FERRAZ, Antonio. *Op. cit.*, 200). Ela “completa a coluna vertebral da filosofia de Zubiri por significar o cumprimento definitivo da transcendentalidade com qual a realidade está dada na apreensão primordial” (PINTOR RAMOS, Antonio. *ZUBIRI (1898-1983)*. *Op. cit.*, p. 53).

O desenvolvimento e a exposição desse problema estão divididos em três partes que correspondem a três grandes problemas: análise filosófica do problema de Deus na vida humana (Deus); estudo filosófico da história das religiões (Religião); e estudo filosófico-teológico do cristianismo como religião de “deiformação” (Cristianismo). Toda sua reflexão sobre esta problemática desenvolvida ao longo de sua atividade filosófica foi recolhida e publicada postumamente em três tomos: *O homem e Deus*<sup>4</sup>; *O problema filosófico da história das religiões*<sup>5</sup>; *O problema teológico do homem: Cristianismo*<sup>6</sup>.

Aqui, vamos nos ocupar apenas com o primeiro aspecto da reflexão de Zubiri acima mencionada e que corresponde ao primeiro tomo de sua “trilogia teológica”. É o que ele chama “a dimensão teológica do homem”<sup>7</sup>. Começaremos explicitando o que se quer dizer quando se fala de “dimensão teológica do homem” e apresentaremos, em seguida, a análise que Zubiri faz da mesma.

Para isto, tomaremos como referência a introdução do curso que Zubiri deu na Universidade Gregoriana de Roma, em 1973, sobre “O problema teológico do homem”, publicada em 1975 em um livro em homenagem a Karl Rahner e recolhida, “a modo de conclusão”, no primeiro tomo de sua “trilogia teológica”<sup>8</sup>. Embora não seja a última elaboração de Zubiri sobre o tema, é um texto de sua última etapa e tem a vantagem de apresentar de modo sistemático, didático e resumido sua reflexão sobre o problema teológico do homem, particularmente no que diz respeito à dimensão teológica do homem.

## ***I – A problemática da dimensão teológica do homem***

Antes de verificarmos se a vida humana tem mesmo uma dimensão teológica e, caso a tenha, explicitarmos sua estrutura fundamental, convém deixar claro o que queremos dizer ou a que nos referimos quando falamos de *dimensão teológica do homem*. E tanto no que tem de *teológica*, quanto no que tem de *dimensão*.

Embora esteja dito de\* Professor da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e da Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). Artigo recebido no dia 03/08/2013 e aprovado

<sup>4</sup> Cf. ZUBIRI, Xavier. *El hombre y Dios*. Madrid: Alianza Editorial, 2003.

<sup>5</sup> Cf. Idem. *El problema filosófico de la historia de las religiones*. Madrid: Alianza Editorial, 2006.

<sup>6</sup> Cf. Idem. *El problema teológico del hombre: Cristianismo*. Madrid: Alianza Editorial, 1999.

<sup>7</sup> Idem. *El hombre y Dios*. *Op. cit.*, p. 13.

<sup>8</sup> Cf. *Ibidem*, 367-383. Há uma tradução do texto em português (Cf. ZUBIRI, Xavier. “O problema teológico do homem”. In: OLIVEIRA, Manfredo – ALMEIDA, Custódio (orgs). *O Deus dos filósofos modernos*. Petrópolis: Vozes, 2002, 13-20). A partir de agora, os números entre parêntese, sem outra indicação, remetem a páginas deste artigo.

para publicação no dia 16/03/2014. sde o início desta reflexão, é importante insistir no fato de que a *dimensão teologal* a que nos referimos neste trabalho diz respeito estritamente à *vida humana*. Não vamos tratar, aqui, diretamente, da realidade de Deus ou de outra realidade qualquer, mas da realidade humana. “O mero enunciado do tema”, diz Zubiri, “já indica que se trata de nos movermos dentro de uma análise da realidade humana enquanto tal, com vistas ao problema de Deus” (14). Por isso, temos falado sempre de *dimensão teologal da vida humana*.

A) É *teologal*, na medida em que “envolva, constitutiva e formalmente, um enfrentamento inexorável com a dimensão última do real, isto é, com o que de uma maneira meramente nominal e provisória podemos chamar de Deus” (14). Trata-se, pois, de “um momento constitutivo da realidade humana, um momento estrutural dela”; o momento no qual ela se enfrenta com “o âmbito da dimensão última do real” (14). É importante não confundir, aqui, o *teologal* com o *teológico*. Enquanto o *teológico* diz respeito diretamente a Deus, “envolve a *Deus mesmo*”; o *teologal* diz respeito diretamente ao homem, envolve uma *dimensão da vida humana* – “a dimensão que dá acesso ao divino”. O *teologal* é “uma dimensão humana que envolve formal e constitutivamente o problema da realidade divina, do *theos*”<sup>9</sup> e, neste sentido, “é tão-somente fundamento do saber teológico, mas não é o saber teológico mesmo” (20)<sup>10</sup>. Afirmar, portanto, que a realidade humana tem uma *dimensão teologal*, é afirmar que ela tem um âmbito que, de alguma forma, envolve e dá acesso à realidade de Deus, enquanto *dimensão última do real*.

B) É *dimensão*, na medida em que é algo constitutivo da realidade humana e, enquanto tal, mede ou mensura essa realidade sob um determinado aspecto. *Dimensão* é um conceito fundamental na filosofia de Zubiri<sup>11</sup>. Ele “responde ao intento de superar o esquema substancia-acidente por meio de um esquema estrutural no qual todas as notas formam um só sistema”<sup>12</sup>. Tal intento “supõe um esforço para inteligir as coisas não de fora para dentro, como se as notas afetassem um sujeito que está por baixo delas, mas de dentro para fora, como algo que atualiza uma unidade primária em suas notas. Não há um ‘brotamento’ das notas, mas uma projeção da coisa real nas notas”, de modo que em cada uma delas “se mede ou se mensura [daí, *dimensão*] a coisa inteira”<sup>13</sup>. Por isso, ao falar da *dimensão*

<sup>9</sup> Idem. *El hombre y Dios. Op. cit.*, p. 12.

<sup>10</sup> Cf. ORTEGA, Francisco. *Op. cit.*, p. 176s.

<sup>11</sup> Cf. ZUBIRI, Xavier. *Sobre la esencia*. Madrid: Alianza Editorial, 1985, 120-134, 491-498; Idem. *Tres dimensiones del ser humano: individual, social, histórica*. Madrid: Alianza Editorial, 2006, 10-16; Idem. *Inteligencia sentiente: inteligencia y realidad*. Madrid: Alianza Editorial, 2006, p. 204-207.

<sup>12</sup> ELLACURÍA, Ignacio. *Filosofía de la realidad histórica*. San Salvador: UCA, 1999, p. 358.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 356.

teologal da vida humana, Zubiri afirma sempre se tratar de “um momento constitutivo da realidade humana, um momento estrutural dela” (14); um momento que, não obstante sua peculiaridade e irreducibilidade, diz respeito a essa realidade em sua totalidade<sup>14</sup> e, por isso mesmo, pode medi-la ou mensurá-la sob esse aspecto determinado que é o enfrentamento com a dimensão última do real.

De modo que, ao falarmos da *dimensão teologal do homem*, estamos falando da realidade humana enquanto tal (*do homem*) ou, para sermos mais precisos, estamos falando de algo que diz respeito essencial e estruturalmente a essa realidade e, enquanto tal, constitui-se como medida ou mensura da mesma (*dimensão*). Trata-se da dimensão, segundo a qual a realidade humana se encontra vertida à realidade de Deus enquanto dimensão última do real, ou seja, da dimensão que envolve e dá acesso à realidade de Deus (*teologal*). Esta é a problemática com a qual nos confrontaremos, a seguir, analisando, com Zubiri, a realidade humana e explicitando a estrutura fundamental de sua dimensão teologal.

## **II – A dimensão teologal do homem**

Tendo explicitado o que está em jogo na problemática da dimensão teologal do homem, tanto no que tem de teologal quanto no que tem de dimensão, podemos, agora, verificar se de fato existe uma dimensão teologal na vida humana e, caso exista, qual a sua estrutura fundamental. Para isso, diz Zubiri, “temos de partir de uma análise da realidade humana” (15). E esta análise foi feita e apresentada por ele em três passos ou momentos estruturalmente articulados entre si. No artigo que tomamos como referência deste estudo, estes passos ou momentos são nomeados, respectivamente, como *religação*, *marcha intelectualiva* e *experiência* (18). Já no livro onde desenvolve e formula de modo mais rigoroso o que aparece apenas esboçado no artigo, denomina-os, respectivamente, *realidade humana*, *problema da realidade divina* e *homem*, *experiência de Deus*. Esta é, aliás, a estrutura fundamental do livro – suas três partes<sup>15</sup>. No fundo, ambos dizem ou se referem à mesma coisa, ainda que de maneira diferente: a análise da *realidade humana* levará à descoberta da *religação*; a *realidade divina* será inteligida problematicamente na *marcha intelectualiva*; e nesta mesma marcha o homem se descobrirá como *experiência de Deus*. Embora continuemos tomando como referência básica para esta nossa exposição o artigo acima referido, nomearemos esses passos ou momentos de sua análise e apresentação da dimensão teologal do homem segundo a formulação que aparece no livro.

<sup>14</sup> Cf. ZUBIRI, Xavier. *El hombre y Dios. Op. cit.*, p. 128.

<sup>15</sup> Cf. *Ibidem*, p. 13.

## 1. A realidade humana

A realidade humana, como qualquer outra realidade, está constituída por um “sistema de notas”<sup>16</sup>, coerentemente articuladas (cf. 15). Estas notas podem ser reunidas em três grupos, segundo os quais a realidade humana se constitui como uma realidade *viva*, uma realidade que *sente* e uma realidade *inteligente*. De modo que o homem tem três tipos de notas, segundo as quais *vive*, *sente* e *intelige*<sup>17</sup>. “A unidade intrínseca e formal destas notas forma o sistema da substantividade humana”<sup>18</sup> – sistema que abarca “dois subsistemas parciais”: um “subsistema de notas físico-químicas” que ele denomina “corpo” e um subsistema que ele denomina “psique”<sup>19</sup>. A realidade humana se constitui, assim, como a unidade sistemático-coerente dessas notas ou desses subsistemas de notas. Bem entendido. Não se trata de dois sistemas justapostos (corpo X psique), mas de um único sistema (substantividade humana), constituído por uma pluralidade de notas ou de subsistemas de notas (corpo-psique)<sup>20</sup>.

Em virtude das notas que possui, em particular, a inteligência<sup>21</sup>, o homem se constitui como uma *forma* peculiar de realidade e, conseqüentemente, está implantado na realidade também de um *modo* muito peculiar<sup>22</sup>. “É, com efeito, uma realidade constituída não apenas por suas próprias notas [...], mas também por uma característica peculiar de sua realidade” (15). Vejamos.

Por um lado, ele não apenas “tem” as notas que tem (como qualquer outra realidade!), mas, em virtude destas notas, especialmente, em virtude da inteligência, é uma realidade “formalmente sua” (15), uma realidade que

---

<sup>16</sup> Zubiri prefere falar de “notas” a falar de “propriedades”. Além de ser uma expressão mais simples e elementar (*sencillo*), diz ele, “tem a dupla vantagem de designar unitariamente dois momentos da coisa. Por um lado, a nota pertence à coisa; por outro, notifica-nos o que a coisa é, segundo esta nota. Assim, o calor é uma nota da coisa e ao mesmo tempo nos notifica o que a coisa é, segundo esta nota” (*Ibidem*, p. 18).

<sup>17</sup> Cf. *Ibidem*, p. 30-39.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 39.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 39-41.

<sup>20</sup> “O homem não é psique ‘e’ organismo, mas sua psique é formal e constitutivamente ‘psique-de’ este organismo e este organismo é formal e constitutivamente ‘organismo-de’ esta psique. Por isso, a psique é, a partir de si mesma, orgânica e o organismo é, a partir de si mesmo, psíquico. Este momento do ‘de’ é numericamente idêntico na psique e no organismo e possui caráter ‘físico’. Esta identidade numérica e física do ‘de’ é o que constitui formalmente a unidade sistemática da substantividade humana. É uma unidade estrutural” (*Ibidem*, p. 41).

<sup>21</sup> Para Zubiri, intelecção não é sem mais “conceber, julgar, raciocinar etc.”, por mais que estes atos façam parte do processo de intelecção. Intelecção, diz ele, “consiste formalmente em apreender as coisas como reais, isto é, ‘segundo são de si (*de suyo*); consiste em apreender que seus caracteres pertencem propriamente (*en propio*) à coisa mesma; são caracteres que a coisa tem de si (*de suyo*). Tudo o que o homem intelecção é intelecção como de si (*de suyo*). Esta é a essência formal da intelecção” (*Ibidem*, 32s).

<sup>22</sup> Cf. *Ibidem*, p. 46-52.

se pertence formalmente a si mesma; suas notas não apenas lhe pertencem “de si” (*de suyo*), mas são “suas” (*suyas*). E isto não acontece com as demais realidades. “Todas as demais realidades têm, *de si (de suyo)*, as propriedades que têm, mas sua realidade não é formal e explicitamente *sua (suya)*. O homem, por sua vez, é formalmente seu (*suyo*), é *suidade (suidad)*”<sup>23</sup>. Seu caráter ou modo de realidade, diz Zubiri, é “ser si mesmo” (15). E nisto, precisamente, consiste para ele a “razão formal da pessoa” (15). Ser pessoa é ser “suidade”; é ser “si mesmo”; é se pertencer a si mesmo; é ser, “de si”, “seu”. Do ponto de vista de sua *forma de realidade*, portanto, o homem é uma *realidade pessoal*<sup>24</sup>.

Por outro lado, enquanto realidade pessoal, o homem está implantado na realidade de um *modo* também muito peculiar. Na medida em que é “si mesmo”, em que “se pertence a si mesmo”, em que é, “de si”, “seu”, ele se experimenta como uma realidade “des-ligada de” ou “solta de” todas as demais. “É real ‘frente a’ toda outra realidade que não seja a sua. Neste sentido, cada pessoa, por assim dizer, está ‘desligada’ de qualquer outra realidade: é ‘absoluta’” (15). Mas apenas “relativamente absoluta”, na medida em que “este caráter absoluto é um caráter cobrado”, adquirido (15). Só “frente às” coisas ou “diante das” coisas<sup>25</sup>, o homem se experimenta como uma realidade ab-soluta, isto é, *solta-de*. Sua ab-solutez é relativa às coisas diante das quais ou frente às quais ele se encontra “solto de” ou “desligado de”<sup>26</sup>. Como *modo de realidade*, portanto, o homem é uma *realidade relativamente absoluta*.

É como *realidade pessoal* e como *realidade relativamente absoluta* que o homem vai fazendo sua vida – como *agente, ator e autor* da mesma<sup>27</sup>. Ele “tem que ir fazendo-se, isto é, realizando-se em distintas formas ou figuras de realidade” (15). E vai se fazendo com as coisas com as quais e entre as quais ele se encontra.

Acontece que, graças à nota-inteligência, as coisas se atualizam na vida humana, não apenas como um *sistema de notas*, mas, mais radicalmente, como *realidade*<sup>28</sup>, isto é, como algo “en propio”, “de suyo”, algo que se

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 48.

<sup>24</sup> Cf. *Ibidem*, p. 51.

<sup>25</sup> A expressão *coisa* é tomada, aqui, não em oposição à vida e, em particular, à vida humana, mas no “sentido amplo e vulgar de ‘algo’, qualquer que seja sua índole” (*Ibidem*, p. 79).

<sup>26</sup> Cf. *Ibidem*, p. 79s.

<sup>27</sup> Cf. *Ibidem*, p. 76-78. O homem *executa suas ações* e, quanto tal, é “agente” das mesmas; as executa, em boa medida, *de acordo com as possibilidades que lhe são dadas* e, neste sentido, é “ator” das mesmas; mas, na medida em que pode, dentro de certos limites, executar ações diversas e *opta por uma ação específica*, constitui-se como “autor” da mesma.

<sup>28</sup> Segundo Pintor Ramos, o termo *realidad* designa, na filosofia de Zubiri, “o caráter mais elementar e também o mais decisivo a que qualquer problema termina remetendo”. Na língua espanhola, diz ele, este termo “encerra sempre um matiz de ultimidade e rotundidade, inclusive de coercividade, propenso a conduzir a expressões dogmáticas”. E, conclui:

pertence a si mesmo, como radicalmente outro que mim e que o próprio ato em que se atualiza, como alteridade radical. E, enquanto tal, *impõe-se* na vida humana, *apodera-se* dela, toma *posse*, *domina*, *exerce um poder*. É o que Zubiri chamou o “poder do real” (15). “Realidade” designa, aqui, portanto, a *forma* ou a *formalidade* com que as coisas “se atualizam” e “se impõem” na vida humana<sup>29</sup>.

E, assim, o homem, paradoxalmente, ao fazer sua vida com as coisas, se, por um lado, encontra-se “diante de” ou “frente a” elas, experimentando-se como *des-ligado* de todas elas; por outro lado, na medida em que faz a vida com as coisas que “se atualizam” e “se impõem” em sua vida como “realidade”, experimenta-se sempre e ao mesmo tempo como apoderado pelo “poder do real” e, assim, *re-ligado* a esse mesmo poder. É o que Zubiri denomina *relição*<sup>30</sup>: a “tomada de posse” do homem pelo “poder do real”, enquanto “dimensão última do real” (15).

“Apoiado”, “impelido” e “possibilitado”<sup>31</sup>, em última instância, por esse poder ao qual está “reliado”, o homem pode fazer sua vida com as coisas, de uma forma ou de outra – ainda que não a possa fazer de qualquer forma. Por isso, diz Zubiri, “o homem necessita de tudo aquilo com que vive, mas é porque aquilo de que necessita é a realidade”; “o homem só pode realizar-se possuído pelo poder do real” (15). E aqui convém fazer duas considerações importantes, tanto em vista de uma adequada compreensão do apoderamento do homem pelo “poder do real”, quanto em vista da apresentação ou do esclarecimento do problema de Deus na vida humana.

Em primeiro lugar, é importante deixar claro que, na medida em que as coisas “se atualizam” como “realidade” na vida humana, elas “se impõem” e “se apoderam” do homem, obrigando-o a agir de *alguma* maneira, mas não determinam exatamente a maneira como terá que agir. Tem que agir de alguma forma. Mas, como não está determinado de antemão como deve agir, terá que optar por uma determinada ação e, nesta opção, vai ad-optando uma forma ou figura de realidade. “Na *relição*, pois, o ho-

---

Suspeito que a manutenção zubiriana do termo ‘realidade’ deve muito aos matizes peculiares e à força que este termo tem em espanhol, matizes que os termos equivalentes em outras línguas quicá não reflitam totalmente” (PINTOR RAMOS, Antonio. *Realidad y verdad: Las bases de la filosofía de Zubiri*. Salamanca: Pontificia Universidad, 1994, p. 57s).

<sup>29</sup> Cf. ZUBIRI, Xavier. *Inteligencia y razón*. Madrid: Alianza Editorial, 1983, p. 92. Desde muito cedo, diz Diego Gracia, “Zubiri insistiu no fato de que as coisas ‘de per si’ não somente se ‘atualizam’ para o homem na apreensão, mas se lhe ‘impõem’ também com certa força. Tal força, própria das coisas, impõe-se ao homem na apreensão como ‘última’, como ‘possibilitante’ e como ‘impelente’. O homem realiza-se ‘em’ (ultimidade), ‘a partir de’ (possibilidade) e ‘mediante’ (impelência) a realidade atualizada na apreensão. Esse caráter de fundamentalidade da realidade é aquilo que Zubiri chama ‘o poder do real’” (GRACIA, Diego. “Zubiri”. *Op. cit.*, 1055).

<sup>30</sup> Cf. Idem. *Voluntad de verdad*. *Op. cit.*, p. 212-218.

<sup>31</sup> Cf. ZUBIRI, Xavier. *El hombre y Dios*. *Op. cit.*, p. 81-84.

mem está confrontado com o poder do real, mas de modo optativo” (16). Ele vai configurando sua forma de realidade “forçado pelo poder do real e apoiado nele”, mas de “modo optativo” (16). É que, se por um lado, o “poder do real” só “se atualiza” e “se impõe” na vida humana através das coisas, por outro lado, ele não se identifica sem mais com as coisas. Elas “não são senão ‘vetores intrínsecos’ do poder ‘da’ realidade” da vida humana (16). Há uma “inadequação entre o que são as coisas com as quais o homem vive e o que o homem se vê forçado a fazer com elas” (16). De modo que, paradoxalmente, “o homem se realiza em uma forma de realidade que as coisas não lhe impõem [tem que optar!], mas não pode fazê-lo mais do que com e pelas coisas [apoiado no poder do real]” (16). Ou seja, *ele vai ad-optando uma forma ou figura de realidade apoiado no poder do real que as coisas veiculam.*

Em segundo lugar, “a não identificação desse poder do real com as coisas mesmas manifesta que entre elas e aquele poder há uma precisa estrutura interna” que Zubiri chama “fundamento” (16). Fundamento não deve ser entendido necessariamente como “causa ou coisa parecida”, por mais que esta seja uma forma possível de fundamentação. “O mero repousar factualmente sobre si mesmo já seria fundamento” (16)<sup>32</sup>. Neste sentido, “o poder do real nas coisas não é senão o acontecer do fundamento nelas”. E, assim, o homem, ao fazer sua vida com as coisas apoiado no “poder do real” que elas veiculam, constitui-se e experimenta-se como uma realidade fundamentada<sup>33</sup>. E, uma vez que esse fundamento não se identifica com as coisas que o veiculam, ele se vê lançado “na direção de” seu fundamento (16) – presente nas coisas, mas excedendo-as: é “mais” que elas, mas “nelas”. É o “caráter enigmático” da realidade<sup>34</sup>. De modo que “o homem se vê lançado para o fundamento do poder do real, na inexorável força ‘física’ de optar por uma forma de realidade” (16). Enquanto modo de atualização ou de presença do “poder do real”, o lançamento “na direção

---

<sup>32</sup> Cf. Cf. ZUBIRI, Xavier. *El hombre y Dios. Op. cit.*, p. 84-88.

<sup>33</sup> “O caráter de absoluto relativo próprio da pessoa faz com que esta não tenha seu fundamento radical em si mesma, mas na realidade; haveria que dizer, pois, que a pessoa não é a realidade radical, mas uma realidade radicada na realidade. A pessoa, em sua própria constituição, está vertida a uma realidade que é mais que ela, uma realidade na qual se assenta, uma realidade da qual emergem os recursos que necessita para se personalizar e, finalmente, uma realidade que lhe outorga a força necessária para desdobrar esse processo de realização pessoal. A esta versão constitutiva da pessoa à realidade é o que Zubiri denominou *religação*” (PINTOR RAMOS, Antonio. “Zubiri (1989-1983)”. *Op. cit.*, p. 49). E, aqui, adverte, “o homem não está diretamente religado a Deus, como às vezes se interpretou, mas à realidade, enquanto que o funda, lhe dá poder para desenvolver suas possibilidades e lhe confere força para se apropriar dessas possibilidades” (*Ibidem*, p. 49s).

<sup>34</sup> “‘A’ realidade está ‘nesta’ realidade, mas enigmaticamente. E este enigma nos é manifesto na experiência mesma da religação. ‘A’ realidade não é ‘esta’ coisa real, mas não é nada fora dela. Realidade é um ‘mais’, mas não é ‘mais’ por cima da coisa, mas um ‘mais’ *nela mesma*. Por isso é que ao estar com ‘esta’ realidade, estou é ‘na’ realidade” (ZUBIRI, Xavier. *El hombre y Dios. Op. cit.*, p. 98).

de”, diz Zubiri, “é uma estrita ‘marcha’. Não é processo meramente intelectual, mas sim um ‘movimento’ real” (16). É, sem dúvida, uma *marcha intelectual*, mas uma *marcha real*; é “uma *marcha real intelectual*” (16). E, na medida em que o termo deste lançamento não está determinado, ele se configura como um *lançamento problemático*, no sentido etimológico da expressão: arrojar/atirar/lançar algo (*ballo*) ante (*pro*)<sup>35</sup>. Assim, conclui Zubiri, “a religação problemática é *eo ipso* uma *marcha real intelectual* desde o poder do real ‘na direção de’ seu fundamento intrínseco: eis aqui justamente o problema de Deus enquanto problema da dimensão última do real enquanto tal” (16).

Como *realidade pessoal*, portanto, o homem se realiza “com” as coisas (frente a, diante de), *re-ligado* ao “poder do real” que elas veiculam (apoio “último”, “possibilitante” e “impelente”). E nesta *re-ligação*, ele se vê *lançado* (marcha) “na direção de” seu fundamento último. Não estamos tratando, aqui, propriamente de Deus enquanto tal, mas do homem. “A religação é uma dimensão constitutiva da pessoa humana” (15); é uma estrita dimensão humana. Mas ela é “a base de todo o nosso problema e o ponto de partida da discussão”<sup>36</sup>.

## 2. O problema da realidade divina

A análise da realidade humana nos mostrou que o homem vai fazendo sua vida com as coisas, *apoiado* no “poder do real” que elas veiculam e *lançado* na “direção de” seu fundamento último. São os dois aspectos da *re-ligação* ao “poder do real” que destacamos no item anterior: *apoio* “último”, “possibilitante” e “impelente” para fazer a vida e *lançamento ou marcha* na “direção de” seu fundamento último. Aspectos distintos, mas estruturalmente articulados, pois só na medida em que o homem vai fazendo sua vida *apoiado* no “poder do real”, vê-se *lançado* na “direção do” fundamento desse poder. E, em ambos os aspectos, como vimos, o “poder do real” ao qual estamos re-ligados se “atualiza” e se “impõe” de modo *problemático*, no sentido acima indicado. Por um lado, “o homem está confrontado com o poder do real, mas de modo optativo, isto é, *problemático*”; ele “se realiza em uma forma de realidade que as coisas não lhe

<sup>35</sup> Pro-blema. Do grego *pro-ballo*: arrojar/atirar/lançar algo “ante” (Cf. Idem. *Inteligencia y razón*. Madrid: Alianza Editorial, 1983, p. 64). “Problema não é ‘questão’, mas modo de atualização: é a atualidade do real como arrojado na *intelecção*” (*Ibidem*, p. 307). “Só porque a realidade está atualizada como problema, só por isso pode haver e tem que haver questões” (*Ibidem*, p. 315). “No problema já há atualização, isto é, há uma *intelecção* da realidade, mas esta atualização é [...] é uma atualidade que ainda não é plenamente atual” (*Ibidem*, p. 64).

<sup>36</sup> Idem. *El hombre y Dios*. *Op. cit.*, p. 130. “Nesta experiência vai se desenhando inexoravelmente o perfil daquilo que se busca, independentemente de se se admite ou não sua realidade” (*Ibidem*).

impõem, mas não pode fazê-lo mais do que com e pelas coisas” (16). Por outro lado, o lançamento ou a marcha na “direção de” seu fundamento, precisamente pelo caráter *direcional*<sup>37</sup>, é um lançamento estritamente problemático, é uma *marcha problemática*. De modo que, e é isto o que agora nos interessa, a “religação problemática”<sup>38</sup> é a “base” e o “ponto de partida” do problema de Deus na vida humana. Frente às clássicas “vias cósmicas” (Tomás de Aquino) e “vias antropológicas” (Agostinho, Kant, Schleiermacher) de acesso a Deus, Zubiri propõe a “via da religação”<sup>39</sup>.

A “religação” não é uma mera teoria, mas “um fato inegável” (15), descoberto na análise da realidade humana. Ela nos *lança* na *direção do* fundamento do “poder do real”. Esse lançamento é uma *marcha*, uma “marcha real intelectual” (16). Nesta marcha, o fundamento se atualiza e se impõe de modo *direcional, problemático*. Por isso mesmo falamos, aqui, de “marcha problemática”: uma marcha “desde o poder do real ‘na direção de’ seu fundamento intrínseco” (16).

Não por acaso, Zubiri nomeia esse segundo passo ou momento de sua análise da dimensão teologal do homem de “problema da realidade divina”. É que o acesso à realidade divina é um *acesso problemático*<sup>40</sup>. Ela se atualiza e se impõe na vida humana de modo problemático. Enquanto *se atualiza e se impõe* na vida humana, o homem tem acesso a ela e, por esta razão, Zubiri pode afirmar que na marcha real para o fundamento do poder do real “o homem acede *sempre* àquele fundamento” (16), que “o término dessa marcha está sempre atingido” (17). Mas, na medida em que ela se atualiza e se impõe de *modo problemático*, seu termo não está determinado de antemão, depende das “rotas empreendidas” (17) e, assim, “por ser problemática, a marcha para o fundamento do poder do real nas coisas não é unívoca” (16).

Zubiri identifica na história da humanidade três grandes “rotas” ou “vias”<sup>41</sup> empreendidas nessa marcha que vai do “poder do real” nas coisas “na direção de” seu fundamento último: *ateísmo, teísmo e agnosticismo*. Por todas estas “rotas” ou “vias” o homem acede ao fundamento ao qual está lançado problemáticamente na “religação”, ainda que de “modo distinto” (17). Elas “já são um acesso ao fundamento, um contato com ele” (17)<sup>42</sup>.

<sup>37</sup> Cf. Idem. *Naturaleza, historia, Dios*. Madrid: Alianza Editorial, 2004, p. 414; Idem. *Inteligencia sentiente*. *Op. cit.*, p. 101s, 183-185.

<sup>38</sup> Esta expressão precisa ser bem compreendida. Afinal, “a religação não é um problema, é um fato. Mas um fato que nos lança de forma problemática para o fundamento da realidade. Este é o sentido exato da expressão ‘problema de Deus’ que Zubiri vem utilizando em seus escritos ao longo de meio século [...]. A religação não é problema; Deus, sim” (GRACIA, Diego. *Voluntad de verdad*. *Op. cit.*, p. 222).

<sup>39</sup> Cf. Idem. *El hombre y Dios*. *Op. cit.*, p. 118-133.

<sup>40</sup> Cf. *Ibidem*, p. 185-193.

<sup>41</sup> A propósito da “via na busca de Deus” em Zubiri, Cf. CRUZ, Jesus Sáez. *Op. cit.*, p. 187-204.

<sup>42</sup> Cf. ZUBIRI, Xavier. *Op. cit.*, p. 266-296.

Mas, como essa “marcha problemática”, na qual o homem acede ao seu fundamento, é uma “marcha real *intelectiva*”, ela tem seu “momento de esclarecimento” (16) e exige que “a via escolhida” seja “intelectualmente justificada” (17). Todas elas necessitam de fundamentação e têm que ser justificadas, para além do grau de adesão ou de crença que se tenha na via escolhida. “Pois uma coisa é a firmeza de um estado de crença e outra é sua *justificação intelectual*” (14). Pouco importa, aqui, a via escolhida: teísmo, ateísmo, agnosticismo. Enquanto *opção*, ela precisa ser *justificada intelectualmente*. “E esta justificação é, simultaneamente, o fundamento da opção mesma” (17). Justificando a “rota” ou “via” escolhida, o homem determina – teísta, ateuista ou agnosticamente – o termo mesmo da marcha problemática: “Deus” (teísmo), “pura facticidade” (ateísmo)<sup>43</sup>, “realidade ignorada” (agnosticismo)<sup>44</sup>.

A Zubiri interessa, aqui, a justificação intelectual da via teísta de acesso ao fundamento do “poder do real”. Para ele, essa justificação é a que “nos lança a nós mesmos por uma via que leva da pessoa humana (isto é, de uma pessoa relativamente absoluta) a uma realidade absolutamente absoluta: é o que entendemos por realidade de Deus” (17)<sup>45</sup>. Fazendo a vida com as coisas, religado “poder do real” que elas veiculam, o homem se vê lançado “na direção de” seu fundamento, enquanto apoio “último”, “possibilitante” e “impelente” de sua realidade e realização pessoais. E, assim, “o homem encontra Deus ao realizar-se religadamente como pessoa” (17). Em última instância, o “poder do real” nas coisas consiste em que as coisas “sem ser Deus, nem um momento de Deus, são, sem dúvida, reais ‘em’ Deus, quer dizer, sua realidade é Deus *ad extra*” (17). Enquanto fundamento do “poder do real” nas coisas, Deus está presente em todas as coisas, sem que se reduza a elas nem se identifique com elas. É a transcendência de Deus “nas” coisas. Deus não é transcendente

---

<sup>43</sup> Cf. *Ibidem*, 283. “Teísmo e ateísmo são dois modos como [se] conclui o processo intelectual a respeito do problema do poder do real. A facticidade do poder do real não é um puro *factum*, mas uma *intelecção*, e, como toda *intelecção*, necessita de fundamento. Este fundamento se logrará por via intelectual. O ateísmo não consiste, pois, em não ter problema, mas em entender o poder do real, isto é, a fundamentalidade da vida, como pura facticidade” (*Ibidem*, p. 283s).

<sup>44</sup> “Por mais que possa parecer um paradoxo, o agnosticismo é um processo intelectual: o processo intelectual agnóstico. [...] consiste em instalar-se na *ignorância* da realidade de Deus: ‘não sei se existe’. Mas na medida em que é ignorância, o agnosticismo é *eo ipso* um modo do processo intelectual. Porque ignorância não é mera carência de saber. Pelo contrário, toda ignorância é sempre ignorância de algo muito preciso. Ou seja, o que ignora sabe, em alguma medida, o que é que ignora” (*Ibidem*, p. 272).

<sup>45</sup> “Justificar a realidade de Deus não é montar raciocínios especulativos sobre raciocínios especulativos, mas [consiste na] explanação intelectual da marcha efetiva da religação”. Por ser “intelectiva”, a explanação envolve “um momento de fundamentação”. Por se tratar de uma “marcha efetiva”, é “explanação de uma experiência que estamos experienciando fisicamente” (*Ibidem*, p. 134). Para uma melhor explicitação da justificação da realidade de Deus e uma maior determinação de sua realidade (cf. *Ibidem*, p. 134-178).

“às” coisas, mas transcendente “nas” coisas. Desta forma, diz Zubiri, “o apoderar-se da pessoa humana pelo poder do real é, então, um apoderar-se do homem por Deus. Neste apoderar-se acontece a intelecção de Deus”. E, com isso, explicitamos o segundo passo ou momento de sua análise e apresentação da dimensão teologal do homem: “descobrimto de Deus na marcha intelectual da religação” (17).

### 3. O homem, experiência de Deus

Na “religação” ao “poder do real”, o homem se vê lançado “na direção” do fundamento desse poder, enquanto apoio “último”, “possibilitante” e “impelente” para fazer sua vida. Este lançamento é uma “marcha real intelectual”. Na medida em que o termo desta marcha não está determinado de antemão, mas depende da “via” ou “rota” escolhida (teísta, ateuista, agnóstica), ela se constitui como uma marcha estritamente *pro-blemática* (lançamento “diante de” ou na “direção de” seu fundamento). E na medida em que é uma marcha real-*intelectiva*, tem um momento intrínseco de esclarecimento e justificação, no qual se determina o termo mesmo dessa marcha problemática (“Deus”, “pura facticidade”, “realidade ignorada”).

Mas esta marcha “na direção” do fundamento do “poder do real” não é apenas uma “marcha problemática” que, enquanto tal, existe esclarecimento e justificação intelectivas. Zubiri insistiu muito em que esta marcha “não é processo meramente intelectual, mas sim um ‘movimento’ real” (16). É, sem dúvida, uma marcha intelectual, uma vez que a intelecção é um de seus momentos constitutivos. Mas não é meramente intelectual. A intelecção não é senão um momento de uma marcha “real e física”<sup>46</sup>. Na “religação”, portanto, o homem está lançado, *realmente/fisicamente*, “na direção” do fundamento do “poder do real”. E, por isso mesmo, a marcha é, em sentido estrito, uma marcha “real e física”. “A marcha ‘na direção’ do fundamento do poder do real não é só problemática, mas o problema mesmo tem um caráter muito preciso. A marcha, com efeito, é real e física” (17). E esse é o ponto que nos interessa explicitar agora.

Na medida em que o homem vai fazendo sua vida *lançado* na direção do fundamento do “poder do real”, esse fundamento se constitui como o apoio “último”, “possibilitante” e “impelente” de sua vida, portanto, algo constitutivo da própria vida. E na medida em que este lançamento

---

<sup>46</sup> A expressão “real e físico” é tomada, aqui, não no sentido das ciências modernas, mas no sentido da filosofia antiga, na qual o “físico” se contrapõe ao meramente “intencional” e, assim, torna-se sinônimo de “real” (cf. Idem. *Sobre la esencia. Op. cit.*, p. 11-13). “Físico é o vocábulo originário e antigo para designar algo que não é meramente conceitual/conceitual, mas real. Opõem-se, por isto, ao meramente intencional” (Idem. *Inteligencia sentiente. Op. cit.*, p. 22).

é uma marcha *real e física*, ele tem caráter de um estrito “tatear”, de uma “averiguação”, de uma “prova”. Na marcha real para o fundamento do “poder do real” o homem vai “tateando”, “averiguando”, “provando” esse fundamento. E nisso consiste, para Zubiri, “a essência mesma do que chamamos ‘experiência’” (17)<sup>47</sup>. De modo que a marcha para o fundamento do “poder do real” é uma marcha em “estado de averiguação” desse fundamento; é uma “prova física” desse fundamento; é “experiência” desse fundamento.

A marcha, enquanto real, tem, portanto, um caráter experiencial: é experiência do fundamento do “poder do real”; é “experiência fundamental”. E “nessa experiência”, diz Zubiri, “acontece a concreta intelecção desse fundamento” (18). Noutras palavras, o homem entende o fundamento do “poder do real”, na medida em que vai fazendo sua vida fundada nesse fundamento, isto é, na medida em que vai experimentando o fundamento como fundamento da própria vida<sup>48</sup>. E, assim, “todo ato seu, até o mais vulgar e modesto, é em todas as suas dimensões, de um modo expresso ou tácito, uma experiência problemática do fundamento do poder do real” (18). Vale ressaltar: “todo ato” (do mais elementar ao mais complexo) e em “todas as suas dimensões” (individual, social e histórica)<sup>49</sup>. Pouco importa, aqui, o modo como se dá essa experiência (teísmo, ateísmo, agnosticismo) e o modo como esse fundamento é experimentado (Deus, pura facticidade, realidade ignorada). Em qualquer um desses modos, o homem, como realidade pessoal, vai fazendo sua vida apoiado no fundamento do “poder do real” e vai experimentando esse fundamento como o fundo da própria vida e, assim, como algo que lhe pertence constitutivamente. “Daí que o próprio fundamento do poder do real pertence, de uma ou de outra forma, à pessoa mesma: ser pessoa é ser ‘figura’ desse fundamento, e sê-lo experiencialmente” (18).

Quando o fundamento do “poder do real” é experimentado pela “via” que leva a Deus (via teísta e, mais concretamente, via da religião), essa experiência, diz Zubiri, “é *eo ipso* Deus experimentado como fundamento, é experiência de Deus” (18). E enquanto fundamento último da vida humana, Deus é constitutivo dessa mesma vida. Nas palavras de Zubiri,

---

<sup>47</sup> Convém advertir que, para Zubiri, “experiência não é um conceito unívoco” e que não se reduz ao que se chama “experiência sensível” (Idem. *Inteligencia y razón. Op. cit.*, p. 223). Ele distingue, pelo menos, quatro modos fundamentais de experiência, de acordo com o tipo de realidade experimentada: *experimentação*, *compenetração*, *comprovação* e *conformação* (Cf. *Ibidem*, p. 246-257). No que diz respeito à experiência de Deus, enquanto realidade pessoal, ela “não pode consistir em ‘experimento’ nem em ‘comprovação’, mas em ‘compenetração’ e ‘conformação’” (GRACIA, Diego, *Voluntad de verdad. Op. cit.*, p. 229).

<sup>48</sup> De modo que “a experiência de Deus, por parte do homem, consiste na experiência do estar fundamentado fundamentalmente na realidade de Deus. Fazendo meu ser fundamentalmente é como tenho experiência de Deus” (ZUBIRI, Xavier. *El hombre y Dios. Op. cit.*, p. 326).

<sup>49</sup> Cf. *Ibidem*, p. 320-324; 334-342.

“Deus, ao ser a realidade fundamento [...], descoberto pela pessoa e na pessoa ao realizar-se como pessoa, não é algo meramente incorporado à realidade pessoal do homem, como algo justaposto à ela” (18). Não é que haja a pessoa humana “e” Deus e que entre eles se possa estabelecer alguma relação. Não se trata propriamente de relação, pois a relação supõe relatos a serem relacionados. E a pessoa só é pessoa enquanto religada ao “poder do real” e lançada, real e problematicamente, na “direção de” seu fundamento último. De modo que esse fundamento no qual se apóia sua realidade e sua realização pessoais, Deus, segundo a via teísta, é constitutivo da própria realidade pessoal e não apenas consecutivo a ela. Mais que de relação, há que se falar, aqui, de respectividade.

“Precisamente porque Deus não é transcendente às coisas, mas transcendente nelas, precisamente por isso as coisas não são *simpliciter* um não-Deus, mas sim que de algum modo são uma configuração de Deus *ad extra*” (18). Mas é preciso compreender bem essa afirmação. Certamente, “Deus não é a pessoa humana” (18) nem sua realidade última consiste em ser fundamento da mesma<sup>50</sup>. Se fosse assim, Deus só seria Deus em relação à pessoa humana, da qual seria seu fundamento. Não seria uma “realidade absolutamente absoluta” e, em conseqüência, tampouco poderia ser o fundamento último do poder do real. Seria a negação de Deus mesmo como Deus. Mas a pessoa humana, enquanto fundada em Deus, “é de alguma maneira Deus: é Deus humanamente” (18). Seu caráter absoluto é relativo: relativo ao poder do real e, em última instância, relativo ao fundamento desse poder. Como “modo de realidade”, dizíamos acima, o homem é uma “realidade relativamente absoluta”. De modo que, “Deus não inclui o homem, mas o homem inclui Deus” (18). Deus é Deus, independentemente do homem; é uma “realidade absolutamente absoluta”. Mas o homem só é pessoa e só se realiza como pessoa apoiado em Deus como fundamento “último”, “possibilitante” e “impelente” de sua vida; é uma “realidade relativamente absoluta”.

Por isso mesmo, diz Zubiri, “o ‘e’ de ‘Deus e homem’ não é um ‘e’ copulativo” (18) ou consecutivo à realidade humana. É, não da parte de Deus, claro, mas da parte do homem, um “e” constitutivo/inclusivo, na medida em que Deus, realidade-fundamento, é constitutivo da vida humana<sup>51</sup>. E o modo desta constituição ou inclusão é, segundo Zubiri, “experiência”: “ser pessoa humana é realizar-se experiencialmente como algo absoluto. O homem é formal e constitutivamente experiência de Deus. E essa experiência de Deus é a experiência radical e formal da própria realidade humana” (18). Nisto reside a unidade radical de Deus “e” da pessoa humana. Da parte de Deus, essa experiência se configura como “doação”; “Deus é *quoad nos*

<sup>50</sup> Cf. *Ibidem*, p. 311-317.

<sup>51</sup> Cf. *Ibidem*, p. 347-365.

*et quoad omnes res una realitas fundamentalis*”, a realidade fundamental<sup>52</sup>. Da parte da pessoa humana, “não é que o homem *tenha* experiência de Deus, é que o homem *é* experiência de Deus, é formalmente experiência de Deus”<sup>53</sup>. E, assim, da parte de Deus, “a doação de si é uma doação constituinte da pessoa humana” e, da parte do homem, a experiência de Deus é “uma experiência manifestativa da realidade, enquanto momento e ato pelo qual [ele] se afirma como realidade relativamente absoluta no seio do real”<sup>54</sup>. De modo que a “unidade experiencial de Deus ‘e’ homem” é “uma unidade entre doação e experienciação”<sup>55</sup>: Deus se doando como fundamento da realidade humana e o homem experimentado esse fundamento ao fazer sua vida fundada nele. E, com isto, temos explicitado o terceiro passo ou momento da análise da dimensão teologal da vida humana: o homem como *experiência de Deus*.

“Religação” ao “poder do real”, descoberta de Deus na “marcha intelectual” para o fundamento desse poder e “experiência de Deus” como realidade fundamental são os três passos ou momentos da análise e apresentação que Zubiri faz da dimensão teologal do homem. Como ele mesmo adverte, “não são três momentos *sucessivos*, mas sim que cada um deles está fundado no anterior. Constituem, portanto, uma *unidade* intrínseca e formal. Nessa unidade consiste a estrutura última da dimensão teologal do homem” (18): a *religação* lança o homem, problemática e realmente, na “direção de” seu fundamento último; nesse lançamento, ele descobre *Deus* como fundamento do “poder do real” e se descobre a si mesmo como *experiência de Deus*.

### **A modo de conclusão**

Enquanto realidade pessoal, o homem tem uma dimensão que dá acesso e envolve constitutivamente a realidade de Deus, como realidade fundamental ou como fundamento último do poder do real na vida humana. É o que Zubiri chama a *dimensão teologal do homem*. O *teologal* (que dá acesso ao e envolve o problema de Deus como dimensão última do real) não é algo

---

<sup>52</sup> *Ibidem*, p. 311 “A experiência de Deus é uma experiência real, a *parte Dei*, porque é real doação experiencial; é Deus como pessoa experiencial real e efetivamente. Deus se dá como experienciável, como fundamento experiencial, experienciável e experienciado no fato do homem se constituir como pessoa principalmente absoluta” (*Ibidem*, p. 318). “Dizer, então, que Deus é experiência do homem consiste pura e simplesmente em dizer que está se dando ao homem em um dar-se que é experiência. Uma experiência que não é consecutiva ao ser do homem, mas que é uma experiência na qual, simultaneamente, o homem se constitui como tal” (*Ibidem*, p. 317).

<sup>53</sup> *Ibidem*, p. 325.

<sup>54</sup> *Ibidem*, p. 349.

<sup>55</sup> *Ibidem*, p. 356.

consecutivo nem opcional na realidade humana, mas algo constitutivo da mesma, uma estrita *dimensão* humana (constitui a realidade humana e a mensura a partir de ou do ponto de vista de seu fundamento último). Neste sentido, a vida humana se constitui e se revela, em última instância, como *experiência de Deus*. Vale repetir: “o homem é formal e constitutivamente experiência de Deus” (18) e, como tal, uma “maneira finita de ser Deus” (19)<sup>56</sup>: “Deus humanamente” (18).

Essa é a base e o ponto de partida de toda discussão sobre o problema de Deus na vida humana que, como indicamos na introdução deste estudo, está dividido em três grandes partes: *religação* ou dimensão teologal da vida humana; *religião* como plasmação da religação; *cristianismo* como forma de religião. Sua importância se deve tanto ao fato de ser *um momento* da abordagem total do problema de Deus na vida humana, quanto, sobretudo, ao fato de ser *o momento fundamental* dessa abordagem. Daí a importância e, mesmo, necessidade de sua análise, compreensão e apresentação. É, certamente, uma análise incompleta do problema de Deus na vida humana, tal como desenvolveu Xavier Zubiri, mas um momento fundamental e necessário dessa análise.

Endereço do Autor:

Caixa Postal, 27  
62.930.000 Limoeiro do Norte — CE  
axejun@yahoo.com.br

---

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 327. “O homem é uma maneira finita, entre outras muitas possíveis, de ser Deus real e efetivamente. E o que chamamos natureza humana não é outra coisa senão esse momento de finitude que pode ser múltiplo e variado, mas que no caso do homem é uma estrutura determinada” (*Ibidem*).